

BRASÃO

Director e Editor: — LUÍS FILIPE COELHO

SEMANÁRIO RÉPUBLICANO

N.º 46 do 3.º Ano

Redacção e Administração: — Rua Trindade Coelho, 27

Guimarães, 6 de Dezembro de 1926

Composto e Impresso na Tip. de «A Tradição» — FAFE

OS DE FÓRA, E OS DA TERRA!

Vem das sociedades primitivas, do mais primitivo estado de civilização, a ideia do nativismo.

Ser ou não ser da terra—na terra global que é de todos—eis a destrinça que certo bairrismo estreito jámais deixou de fazer com um ciúme tantas vezes barbaro.

As ideias ancestrais dum Monroe, que preconizam a América para os americanos, aperta os povos nas suas fronteiras e dá á ideia de Pátria um sentido tão limitado, que não se compadece com o espirito da nossa época.

Não é que o internacionalismo, tal como tantos revolucionários o pretendem, satisfaça o meu sentido nacionalista. Dentro da minha aspiração de fraternidade humana, nem sequer cabe a transcendencia desse sonho que altos espiritos teem concebido, de amalgamar pátrias numa só, criando o cosmopolitismo.

Que um Cezar, que um Napoleão grite na sua megalomania despotica—*Deus in cæa et eu in terra!*—concebo e compreendo tal desvairo. Não atino, porém, com o sentido de senso e de equilibrio naqueles que, por uma abstracção das realidades e por um excesso de visão de sentimento humano exclamam:—*A minha Pátria é o mundo!*

Nenhum idealismo cívico ou religioso poderá jámais converter tão sublimada utopia em realidade!

..

Vem isto a propósito?...

Longe divaguei, é certo. Mas é que, quando vejo certos bairristas quererem repelir os que pela nossa terra querem trabalhar—*e, de facto, por ela militam pugnam com mais leal vontade que esses tais "esturrados"*—sintome impellido ao desejo de meter prego e estopa no caso, tão funesto e erróneo reputo o critério desses endiabrados nativistas!

Repararam?

Ontem eram *esfogueados* como "estrangeiros", como "intrusos", os homens que tomaram conta dos negócios municipais. Hoje, porque o snr. Dr. Alfredo Dias Pinheiro *generosamente* aceitou o encargo de ir comissionado a Lisboa pugnar pela integridade do concelho, eis que das bandas de Vizela o acusam de se intrometer com as questões da terra que não é a dele!

Dir-se há que, no caso da vereação como no do snr. Dr. Alfredo Dias Pinheiro, a hostilidade que lhes dirige o remoço de "intrusos" é derivada

LIBERDADE DE OPINIÃO

Os últimos acontecimentos politicos teriam dado já lugar a uma vasta e profunda critica se da parte de todos os que estariam dispostos a fazê-la não houvesse o fundado receio de constatar que muito do que dissessem ou do que escrevessem seria implacavelmente mutilado ou totalmente inutilizado pelo lápis da censura.

Efectivamente, tendo já passado a hora de confusão revolucionária, não se justifica que a liberdade de pensamento, que a liberdade de opinião,

Para meter na ordem os que, mal intencionados ou despeitados, procurem, á sombra do sagrado direito de liberdade do pensamento, malsinar intenções honestas ou caluniar homens probos, o correctivo a infligir aos que assim procedam encontra-se inscrito de há muito nas disposições quasi draconianas da nossa lei de imprensa. Se é certo que, como os próprios ho-

mens do governo afirmam, entramos já decididamente, abertamente, no caminho da normalidade, da acalmia,

Melhor seria para os governantes, e para todos nós governados, que pudessem, sem quaisquer peias, sem quaisquer outros limites que não fossem os que derivam da própria Constituição e da lei da imprensa, manifestar-se todos os que, no momento politico que atravessamos, entendessem dever emitir a sua opinião, ralisar as suas criticas, quer para aplaudir, quer para condenar.

Em regimen de censura apertada, rigorosa, todos os boatos, desde os mais verosímeis aos mais disparatados, encontram campo proprio para seguidamente se propagarem. Tudo naturalmente se aceita por isso mesmo que não há possibi-

lidade de recorrer a seguras fontes de informação.

Saído há pouco ainda dos bancos da Universidade, tendo escolhido uma das mais nobres e mais elevadas carreiras proficionais que a um homem é dado escolher, habituei-me, a travez das lições dos mestres e das lições dos livros, a respeitar profundamente os direitos dos outros e a ter pelos meus próprios direitos um amor tão grande quanto grande é a certeza de bem conhecer as minhas obrigações.

Porisso, e porque ao meu espirito profundamente, estruturalmente republicano, repugnam

melhor seria para os governantes, e para todos nós governados, que pudessem, sem quaisquer peias, sem quaisquer outros limites que não fossem os que derivam da própria Constituição e da lei da imprensa, manifestar-se todos os que, no momento politico que atravessamos, entendessem dever emitir a sua opinião, ralisar as suas criticas, quer para aplaudir, quer para condenar.

Em regimen de censura apertada, rigorosa, todos os boatos, desde os mais verosímeis aos mais disparatados, encontram campo proprio para seguidamente se propagarem. Tudo naturalmente se aceita por isso mesmo que não há possibi-

lidade de recorrer a seguras fontes de informação.

Saído há pouco ainda dos bancos da Universidade, tendo escolhido uma das mais nobres e mais elevadas carreiras proficionais que a um homem é dado escolher, habituei-me, a travez das lições dos mestres e das lições dos livros, a respeitar profundamente os direitos dos outros e a ter pelos meus próprios direitos um amor tão grande quanto grande é a certeza de bem conhecer as minhas obrigações.

Porisso, e porque ao meu espirito profundamente, estruturalmente republicano, repugnam

melhor seria para os governantes, e para todos nós governados, que pudessem, sem quaisquer peias, sem quaisquer outros limites que não fossem os que derivam da própria Constituição e da lei da imprensa, manifestar-se todos os que, no momento politico que atravessamos, entendessem dever emitir a sua opinião, ralisar as suas criticas, quer para aplaudir, quer para condenar.

melhor seria para os governantes, e para todos nós governados, que pudessem, sem quaisquer peias, sem quaisquer outros limites que não fossem os que derivam da própria Constituição e da lei da imprensa, manifestar-se todos os que, no momento politico que atravessamos, entendessem dever emitir a sua opinião, ralisar as suas criticas, quer para aplaudir, quer para condenar.

Em regimen de censura apertada, rigorosa, todos os boatos, desde os mais verosímeis aos mais disparatados, encontram campo proprio para seguidamente se propagarem. Tudo naturalmente se aceita por isso mesmo que não há possibi-

lidade de recorrer a seguras fontes de informação.

Saído há pouco ainda dos bancos da Universidade, tendo escolhido uma das mais nobres e mais elevadas carreiras proficionais que a um homem é dado escolher, habituei-me, a travez das lições dos mestres e das lições dos livros, a respeitar profundamente os direitos dos outros e a ter pelos meus próprios direitos um amor tão grande quanto grande é a certeza de bem conhecer as minhas obrigações.

Porisso, e porque ao meu espirito profundamente, estruturalmente republicano, repugnam

melhor seria para os governantes, e para todos nós governados, que pudessem, sem quaisquer peias, sem quaisquer outros limites que não fossem os que derivam da própria Constituição e da lei da imprensa, manifestar-se todos os que, no momento politico que atravessamos, entendessem dever emitir a sua opinião, ralisar as suas criticas, quer para aplaudir, quer para condenar.

Em regimen de censura apertada, rigorosa, todos os boatos, desde os mais verosímeis aos mais disparatados, encontram campo proprio para seguidamente se propagarem. Tudo naturalmente se aceita por isso mesmo que não há possibi-

lidade de recorrer a seguras fontes de informação.

O IMPOSTO AD-VALOREM

Dizem-nos que a concessão de avencas do imposto "ad-valorem", não tem presidido o espirito de justiça que era mister, e então, entre outras disparidades inconcebíveis, conta-se que certa firma desta praça, com uma importante fábrica de colchas e riscados, está a pagar uns miseros 160\$00 escudos por trimestre, quando outras casas, incontestavelmente mais pequenas, estão a pagar para cima de 400\$00 escudos.

E' certo que, segundo nos dizem, a Comissão Administrativa da Câmara, está disposta a pôr aquilo no são, mas, apesar disso, aqui fica o nosso protesto, para que de uma vez para sempre se acabem com favoritismos, pagando quem deva pagar, e não, por eles, outros que não sabem criar a influencia que eles criam para conseguir os seus fins.

paraquias, do municipio e do distrito só fôsse concedido a quem fôsse nato da respectiva parochia, municipio e distrito, temos de concluir que é grossa toleima pensar em restringir o que a lei não restringe, nem o mais elementar sentimento de pátria consente!

Lembrem-se os "abencerragens" do velho e simpático amor á terra que, hoje em dia, tanto as balisas, as fronteiras se alargaram no ponto de vista da concessão de ser ou não ser adoptivamente do lugar, do bairro ou da cidade—tanto hoje se não asfixia esse privilégio nos moldes ancestrais dos velhos tempos que até se confere esse titulo honorifico a estrangeiros.

Se, pois, essa concessão se confere aos filhos de outras pátrias, porque se recusa aos filhos da mesma pátria, vivendo connosco na mesma terra?

E faz sentido ser vimezanense honorifico, vivendo civicamente a nossa vida publica local—de braços cruzados?

Não! Se a seara verdadeira é grande, porque devemos restringir o seu arroteio apenas para uns poucos, quando nela cabem todos—todos os homens de boa vontade e de intelligencia esclarecida?

Pretender só para "os filhos da terra" os lugares de direcção, é um exclusivismo que conduz ao exagero e ao disparate—tanto mais que as qualidades de direcção não são privilégio inerente á folha de baptismo!

A. L. de Carvalho.

: Este numero foi visado :
pela Comissão de Censura

PINTO RODRIGUES.

CONVERSANDO

Largaram-me cão ás canelas os de «A Velha Guarda» e se não fôra o eu sair da taberna em bom estado, de esperar era que o goso me tivesse mordido desta feita. Mas, não. Ou pelo facto de alguém da Câmara o ter posto ao corrente das medidas que se vão tomar para combater a raiva, ou porque tenha os caninos embotados, o goso ladrou sem tirar a focinheira para fóra do canil. Foi melhor assim, que me não vejo forçado a recorrer aos serviços do Instituto Pasteur. A todos os que me enviaram telegramas de felicitações os meus sinceros agradecimentos.

Como vosselências vão vendo, é tão grande o rabo daquelas creaturas que, mal se põe pé na rua, logo se lh'o calca. Quem diria que esta inofensiva secção iria pôr ao rubro as iras do pequeno? Ninguém. Leves remoques à atitude insólita que tomaram para com republicanos de verdade, ligeiras observações à crítica infundada e, já agora, parva, com que pretendiam enlamear homens que não precisam de lições de probidade, e tanto bastou para que o insulto canalha lhes saltasse da bôca à pena e desta ao papel da gazeta. E, no fim, com as mãos cruzadas no peito e os olhos na *celestial mansão*, diz de lá o *loyola*: somos vítimas de ataques incorrectos, estamos a ser e fomos insultados. E' de se lhe tirar o chapéu. Temos de os mandar para o Cajato, como da outra vez.

Entretanto, vá fazendo a história, meu caro L...

Naquêl engano d'alma, lèdo e cego, que a bôa fé e a lealdade justificam, quiz H. A. acordar quaisquer resquícios de bom senso que supunha existirem entre os detratores. Deu em prégo. A resposta foi um chorriho de sandices, um sudário de infâmias com que os meninos (aquela meia dúzia) falseia a verdade e pretende conspurcar os nobres intuitos de «A Razão». Tudo ali se deturpa e com tanto impudor que, sendo a obra de «A Razão» bem conhecida de todos, ficamos com a impressão de que o autor do arreganhado despropósito ou é botendo, ou se supõe em terra de botoendos.

Safa! Vá mentir para casa do diabo.

Ora, vejam: espinotear, vis rancores, «linguagem de arrieiro, se não fôsse de taberna», vasadouro de escorrecências caluniosas, infamantes, criaturas que enojam...

Isto, todo êste ribombar de uma delicadeza incomparavel, todo êste correcto fraseada dirige «A Velha Guarda» a «A Razão» em um único artiguelho que nem qualquer beduino assinaria. Isto tudo, para no fim dizer a H. A. «consiga H. d'A., se para isso se sente com forças, correcção, verdade e decencia, do lado donde nos fala...».

Para isto só as armas de S. Francisco. Com que então, nós estamos aqui a ser *mimoseados* com toda a fama da insolência e, ao fim e ao cabo, somos ainda nós quem tem de emendar a mão. Já é ter topete... Este sujeito, se não é policia, nasceu para isso. Tem toda a escola dos bons costumes.

Ora, toma. Aqui em «A Razão» escreve-se bundo. Depois do monopólio que fizeram do talento, do saber, do bairrismo, do republicanism, da correcção, etc., etc., reclamam agora o da gramática.

Presunção e água benta...

Se é certo que aqui não há talentos, nem *gêntos*, bem certo é também que não precisamos de voltar à escola do Cadela. E a prova é que lhes tiramos os «noves fóra» com uma certeza de varar. «Jornal das Taipas» + «Velha Guarda» = 2 tomates num pé só. Vejam se nos enganamos na conta.

Não, tiosinho; não pense nisso. Do nosso desinteresse politico fala todo o nosso passado. Isso de formar patrulha, não passa de truc — ou de medo — de quem tem cólicas. Dêste lado ninguem pensa em postas politicas.

Deixe-o cantar.

Aquêl perfil está um encanto de prosa. Outr'ora não delirava êle assim, coitado. Agora já pede um vaso para a alma, um vaso como a imensidade... Que grande alma a dêle, como ela lhe cresceu! Olhe, ó homensinho: talvez o vaso do Chaby lhe preste.

Deve ser de respeito...

Teve sua fase de orador o actual presidente da Câmara, diz R.. Não sabemos; mas, embora não sejamos dos que se fiam em palanfrórios, sempre julgamos o caso digno de registo, se atendermos a que sua excelência não enfileira no quadrado dos talentos.

Registe-se, para futuro e melhor confronto com certos gênios, que na oratória são como pintos no ovo: nem piam.

O chefe democrático local não quiz colaborar com os que se deram ao trabalho de defender os interesses do concelho. Estava no seu direito. Os chefes democraticos de Braga, Povoas, etc., colocaram-se desde a primeira hora ao lado dos que tomaram a peito a defeza destas terras.

Cumpriram o seu dever.

Os que vem acompanhando a questão entre «A Velha Guarda» e «A Razão» devem ter visto as inofensivas considerações aqui feitas a um artigo publicado no órgão do P. R. P. sobre a Escola Industrial. Eram algumas linhas rematadas pela opinião de que aquilo precisava de vassoura. Pois tanto bastou para que de lá a correcção em pessoa nos brindasse com data de imbecil.

Vejam: Diz «A Velha» que a insultamos por ela ter verberado a desgraçada ideia de se transformar a E. Industrial em cavalaria.

Não é verdade. Em primeiro lugar, o insulto veio de lá. Foi «A Velha» que, não esquecendo a falha de educação com que entra em todas as questões, desatou aos coices a uma opinião, que, sensata ou não, merecia sêr discutida com serenidade e sem grosserias.

Em segundo lugar: não tem direito a sêr juiz na questão quem por seu próprio alvedrio deixou em inferiores condições o nosso liceu. Tanto zêlo agora e tanto desleixo ontem?

Ninguem em «A Razão» quer a transformação de qualquer escola em cavalaria, nem coisa parecida aqui se disse. Ponha óculos o talento, e, se burro velho é capaz de tomar andadura, discuta em termos.

Nada de embrulhadas e de laparotices.

Em tiu-se aqui a ideia de que aquela escola, tal como está, não produz o que é necessário que produza. E não é isto novidade para ninguem, a não ser para o correcto e aumentado grosseirão que nos safu ao caminho.

De resto, quem escreve esta secção, nunca entrou pela porta do cavalo em lugares públicos, nem se serviu da sua influência ou das suas relações pessoais para entrar à surrelfa em postos, ou postas, que só por concurso público se devem conquistar. Se precisa de vassoura?!... E de enxada e de carro do lixo... para todos os que lá queriam entrar sem as devidas habilitações, o tal exame que muitos talentos não querem fazer.

Aqui é que lhes come.

Se não fôsse «A Velha Guarda», já tínhamos conce-

INVERNO!

Inverno! Ruge o temporal desfeito e no meu peito que martírios vão, vendo passar, a palmillar as ruas, creanças nuas, sem ter lar, sem pão!

Lá nas colinas vão soltando os ventos roucos lamentos de infinitas máguas; e no meu quarto, a meditar qual monge, eu ouço ao longe o marulhar das águas.

Estão despidas, até Março, as vinhas; e as andorinhas, receando o frio, fugiram todas p'ra um país distante, t'ê rutilante nos chegar o Estio.

Fugiram todas, ao cair da neve, num vôo leve sobre o azul do mar! Um dia voltam... talvez quando a sorte chamar a Morte p'ra me vir buscar!

Há já semanas que, à formosa aldeia, a lua che'a alum'ar não vem; e o sol dourado o seu bri'har esconde p'ra não sei onde ir fulgurar também.

Geme na encosta o pinheiral sombrio; soluça o rio que em vertigem corre; caem as folhas sem alento e vida, Como ave f'rida que estremece e morre!

O Inverno triste só me traz saudades, — batem trindades: é a noite a vir — o Inverno triste só me traz lembranças das horas mansas que eu passei a rir!

Dezembro, 1924.

Euclides Sotto-Mayor.

lho em Vizela. Foi ela e só ela que valeu ao caso, tocando a rebate, acordando os écos tristes e os brios mortos ou adormecidos da Comissão Municipal. Foi ela. Não se esqueça Guimarães disto e, enquanto as eleições não chegam, organize de propósito uma manifestação. Ora, bom é que se saiba, dizem-nos aqui do lado, que muito antes do pio do órgão do P. R. P. já a Câmara se preparava para frustrar os manejos separatistas. Sem alardes, sem jactancias, mas com decisão. Aí fica.

Sobressalta-se a imprensa europeia com a nova fase para que vai evoluindo a eloquencia de Mussolini, que se vai tornando intensamente belicosa.

Por outro lado, o regime de terror para que a Itália está a ser arrastada e a recente atitude do «duce» para com a França, não auguram nada de bom para o fascismo.

O imperialismo manifesta-se, irritante e afrontoso, na linda península dos Apeninos, a ponto tal que não falta quem julgue ameaçada a paz da Europa.

A não enveredar por outro caminho, e crêmos que isso lhe é impossível, o naufrágio fascista não demorará muito. Há já quem diga que o fascismo vive de *balões de oxigénio*. Nem é para admirar. Estas exaltações politicas tem a vida efêmera de todas as exalta-

ções. A's vezes até acabam no ridículo.

Conseguimos *vistoriar* as obras do prédio em construção no Largo José Maria Gomes. Se não fôsse o muito amôr que a verdade nos merece, não voltariamos ao caso. «A Velha» com a sua predilecção pela *pêta*, pintou o caso com tais côres, que não faltou quem visse já uma derrocada, uma catástrofe e um crime.

Fomos vêr, nós e outros, com os cabelos em pé e o coração tombado. Miramos, remiramos, esquadrinhamos e... nada. Aquilo está até com mais segurança do que estava. As paredes, que eram de terra e talentos, digo, e calhaus, são agora de *propianho* e bôa cal.

Por êsse lado, não terão que sêr utilizadas as macas dos bombeiros. Foi *pêta*.

Em certa terra do norte foi o município entregue a republicanos independentes.

Foram, então, recebidos a coice, dirão os leitores. Nada disso. Foram recebidos com as maiores deferencias por todos os lados republicanos. Assim ficava a Câmara em mãos lavadas de republicanos e os negócios municipais ao cuidado de homens, que pelas suas convicções e pela sua honestidade, davam à Republica as melhores garantias.

Se fôsse cá... Se fôsse cá, era o que se está vendo:

esta miséria moral a que vamos assistindo.

Nas afirmações produzidas pelo chefe do governo na data da posse do novo ministro da instrução, o illustre republicano Dr. Alfredo de Magalhães, algumas se notam tendentes a dar-nos a certeza de que o actual governo se mantém fiel aos princípios republicanos e pronto a jugular qualquer ameaça dos monárquicos.

Queremos acreditar nas palavras do snr. General Carmona; mas seja-nos lícito chamar a atenção dos republicanos para os manejos dos talassas.

Estes movem-se, e os incitamentos que entre si trocam são de molde a convencer-nos de que alguma coisa tramam.

Não esperemos que nos venham atacar de frente.

Nessa não cairão eles.

Mas, não estranhemos se os virmos repetir o salto traioeiro da «traulitânia».

Que eles se preparem não haja dúvidas.

P. P.

PELO TEATRO

COMPANHIA Cremilda d'Oliveira

Em 16, 17 e 18 subiram a scena as peças musicadas «Cló-Cló» e «Môsca de Milão» e a revista «Pim-pam-pum».

Dizer o que valem as 2 primeiras peças e o que teem de aproveitavel, é querer conseguir a completa reversão e é desejar o crescendo da imoralidade.

«Cló-Cló» e a «Môsca de Milão» podem ser realidades, mas nunca poderão representar lição necessária a qualquer plateia, pelo que encerram de mau.

Cremilda que é artista conscienciosa e de valor, que conhece bem profundamente a finalidade do teatro; Cremilda que é uma verdadeira actriz e que sabe avaliar o «virtuosismo» da scena como um quadro cheio de côres bem combinadas e pleno de emoção e frescura; Cremilda não faz arte representando peças sem pés nem cabeça, peças onde falha o bom que se contraponha ao mau e onde a arte baixa ao ponto de enojar e de enfadivar...

Não. Repelimos tal teatro e lamentamos que observações destas sejam feitas a Cremilda d'Oliveira. Não somos dos que viram a cara para o lado... mas, por aceitarmos como razoavel o «Bom-bom», eis o motivo porque falamos com certa independência e com justificada razão.

—Do desempenho, *Cremilda* foi admiravel na «Cló-cló» e *Antônio Gomes* elevou bem os seus méritos de artista. *Sales* julgou-se em terra de prêtos e brincou como os demais também brincaram.

Na «Môsca de Milão» o desempenho foi correcto da parte de todos os artistas.

O «Pim-pam-pum» é uma revista pobresinha que deu já a sua época. Parece mais uma revista de colegiais e onde o belo sexo é coisa dispensada.

Jorge Gentil no «Espalha» foi um *compère* razoavel e de muito á vontade.

O «Livro feminino» e o «Emilinho» por *Cremilda* foram cheios de surpresas e completas revelações de bom estudo.

Irene Gomes agradou-nos no «Livro da Desgraça» e não deixaremos de confessar a pontinha de emoção que nos penetrou o peito.

Maria Pinto, a quem gostamos de ver em os centros cómicos, foi admiravel na «Miss-Boston» e na «Micas».

Antônio Gomes recitou a primôr o «Cavador» de Pedro Bandeira e, afóra a rapidez de *nuance* de dição, mostrou mais uma vez os seus méritos artisticos; o «Auto-Autos» foi duma originalidade bem estudada e bem apresentada.

Adolfo Sampaio foi o impagável «Método João de Deus» e bem delineado «Neurasténico».

Alfredo Pereira deu-nos um «Ramon» autentico, com *chinguicho* e tudo.

Mário Fernandes foi supremamente correcto no difficil «Recta-Pronúncia».

Por último, e para maior honra, *Sales Ribeiro* cantou primorosamente o «Livro de Canções» e o «Apaixonado». É um cantor que representa e sabe cantar.

No acto de Variedades destacaremos *Sales Ribeiro* na canção de «Armando» da operêta «A Frasquita»; *Cremilda d'Oliveira* na «Aleluia» e «Amôr Internacional»; *Carlos Sampaio* no Tango Maldito» e *Jorge Gentil* na Recitação.

«O Cezimbrense»

Jornal independente e defensor dos interesses regionais «O Cezimbrense» é da propriedade e da directoria do snr. Abel Polvora.

Bem apresentado e tratando com elevação os vários problema de Cezimbra merece que todos os filhos daquela região o acarinhem como o mais forte baluarte para a sua defeza.

Agrdecemos a visita e, com as nossas saudações, vamos permutar.

LAÇADAS

UMA CARTA

Arrastel-me na Dôr e sondai os racônitos do coração; ouvi a mim próprio o uivo do desespero como ao mesmo tempo entoel os salmos de David; profere imprecações e escutei a voz do sangue; chorei de compaixão e gargalhei de ironia; enforquei a honra e tripulêi do dever, tudo com ambição de querer conseguir o que nunca pude.

«Ex.^{ma} Snr.: Só hoje me é possível dispôr de um pouco de tempo, não para responder á sua carta que não merecia resposta, mas para ver se consigo levar ao espirito um pouco de luz esclarecedora da verdade, de modo a libertar a sua razão e a intelligencia das maldosas e odiosas sombras em que, á sua *boa tia*, tendenciosamente tem procurado envolver-lhas, com o manifesto fim de alijar de si a tremenda responsabilidade que sobre ella impende.

O ódio que na sua carta me deixa ver, não é senão a demonstração clara do plano, por ella gisado, para encobrir a grande malvadez que a caracteriza. V. Ex.^a conhece-me muito pouco e, para me avaliar, sómente faz obra pelas informações e razões que ella lhe tem sabido deturpar.

Eu também o conheço insufficiente pósto que das rápidas palestras que tivemos em tempos me ficasse a convicção de que estava ali um rapaz intelligente e capaz de ser superior ás desequilibradas toleimas de quem quer que fosse. Eu sei, porém, que tudo o que possa diser-lhe, em contrario das afirmações da sua tia, difficilmente as desenrairá do seu espirito, porque V. Ex.^a que é um novo, não poderá comprehender, apesar da sua grande intelligencia, o que um homem da minha idade que não tarda a atingir os sessenta annos, vai tentar explicar-lhe. A obstar á comprehensão do que lhe direi, está a opinião anticipada que, de mim, o obrigaram a formar. Apesar d'isso e das ameaças que me faz, eu creio que se tivesse falado comigo e com mais largueza eu podesse fazer-lhe o relato do que se tem passado relativamente ao assunto que nos interessa. V. Ex.^a teria de transmutar o seu ódio em agradecimentos que, por forma nenhuma, hoje, pretendo solicitar. Há muito que eu sei que—por bem fazer, mal haver». Sendo isso um contrasenso, é tão próprio dos homens, que não há que estranhar. Seja assim.

De tantos desgostos que me teem entristecido a vida que eu resignadamente procuro atravessar sem querer o prejuizo de ninguem, sem querer ofender nem os meus próprios inimigos, que, por desgraça minha, não tenho podido evitar, poucos terão a grandesa igual á deste. Mas, que fazer? O remédio é considerá-los como partes integrantes do meu destino...

E assim eu chamo a sua atenção para o seguinte: Há um ano que nesta terra se intêjou uma companhia organizada para exploração de águas termas...

E' que, na medida das minhas forças, eu concorri para os fazer esperar um pouco.

Erá uma vingança que os sedusia. Como, porém, naturalmente, se arreceassem de ter de pagar-me por bom, não há picardia que não procurem fazer-me, não há injuria, não há difamação, calúnia ou infâmia de que se não lembrem de imputar-me. Ali, por alturas de outubro ou novembro do ano passado, começou a sua irmã de receber umas cartas do seu noivo, fazendo-lhe as mais baixantes propostas para contá-la e dar-lhe satisfação á fidelidade e firme constância com que ella havia esperado

o cumprimento das promessas de casamento que elle lhe havia feito. Ora sua irmã, quasi desde que nos conhecemos, tinha por mim uma tal consideração e veneração, aliás merecida, que sempre que podia, gostava de dar-me conhecimento dos seus desgostos e das suas aflições, para naturalmente ouvir de mim palavras de conforto e amizade, com que sempre procurei animá-la.

Eu não era mais que o seu amigo, o seu confidente, o seu conselheiro. Uma vez que ella, toda banhada em lágrimas, me contava os maus tratos de palavras que sofria e as desesperanças em que ficava depois d'isso, falando em aniquilar a vida, para a consolar e sem poder prever que ella de mim necessitasse algum dia, prometi-lhe que não deixaria nunca ficar desamparada, porque eu velaria por ella! Era uma doente, uma criatura que não podia deixar-se, sem faltar á caridade, ao impulso dos seus nervos.

Ora, foram estas vindas a minha casa, que sendo rápidas e que não podiam dar azo a que ninguem pudesse suspeitar que tão depressa nós, eu e ella, podessemos praticar actos libidinosos ou de amantismo, foram estas visitas tão inocentes, que foram aproveitadas pelos tais gananciosos empresários, sempre á cóca dos meus passos, para, pondo em campo a sua quadrilha, urdirem toda esta tôrpe infâmia que nos envolveu a todos, mas a mim e a ella, á sua irmã, principalmente. Começaram, pois, de fazer correr que eramos amantes...

Mandaram as filhas do Bragança prevenir, muito em segredo, a sua tia, que me vigiasse...

A semente da calúnia estava lançada e era preciso fazê-la germinar. Não descansaram em quanto na puseram a sua tia na afinação que lhes era precisa para que ella promovesse o escândalo que elles tinham projectado e que lhes havia de servir para levarem a effeito uma denúncia ao meu superior eclesiástico. Foi assim que elles premeditaram inutilisar-me como padre, para que eu não podesse continuar a ser capelão e ficasse, portanto, inabilitado a receber as benesses correspondentes.

Expulsa de casa a sua irmã, não lhe dando tempo, sequer, para tirar o que verdadeiramente lhe pertencia. Nem um dia a mais, nem uma hora que fosse, sua irmã poderia afrontar tanta virtude!...

Soube tudo isso e acreditei logo, porque assim lh'o affirmava tão santa tia, que eu se a socorri, se me expuz a enxovalhos, se defrontei a torrente caudalosa das calúnias, se desprezei os doestos infames da canalha que elles e a sua tia aculeram contra mim, era porque tinha obrigação de o fazer, era porque sua irmã era minha amante...

—As aparências condenavam-nos pela fôrça das circunstancias...

Sei perfeitamente que, na idade de V. Ex.^a é quasi incompreensivel o que lhe affirmo.

Mas isso não importa para o caso V. Ex.^a acredita no que quizer, mas supondo mesmo que era verdadeira a fama posta a correr mundo, pergunto a V. Ex.^a—Era isso motivo para uma tão estrondosa e immediata expulsão?

E' por minha causa que ella sofre? Eu não a abandonarei.

Eu não a quero para gôso meu. Queria podê-la fazer feliz, livrá-la de trabalhos com que ella não pode.

Ella não merece que se condoam dela, e não vale que para a poupar, se sacrifique ainda mais a vltima innocente.

(Pela cópia).

Dr. Campos Monteiro

Deste illustre escritor recebemos um volume — Médico - Peçonha — em que responde ao médico Rita Martins á cêrca da questão das águas do Gerez.

Dr. Campos Monteiro que é indiscutivelmente um médico conscencioso e ao mesmo tempo uma pena brilhante, apresenta bem laborado o seu trabalho e faz afirmações completissimas, moldando com clareza as causas que o levaram á luta e repudiando bem levantadamente as palavras de Rita Martins.

E' um estudo interessantissimo, onde nem falta competência nem bom humor.

Muito reconhecidos.

Lêde e propagai

«A RAZÃO»

INCONSCIÊNCIA OU PROPÓSITO?!

Pelo snr. Administrador do Concelho foram substituidas as Juntas de Freguesias de Caldeias, Sande (S. Martinho), Balar e Sande (S. Lourenço) por Juntas compostas por autenticos monárquicos!!!

Esta última, de que faz parte um tal Antonio Mendes Pinheiro-conspirador monárquico que esteve prêso um ano—, foi substituída só pelo simples facto de o padre da freguesia ter comunicado a violação duma capela, feita pelo Presidente da Junta extinta, e a qual se explica do modo seguinte:

—Desejando certa familia fazer uma romaria á supracitada capela, entendeu pedir a chave ao Presidente da Junta, visto exercer-se lá o culto só em determinados dias do ano, e para isso, dirigiu-se á casa deste. Foi-lhe comunicado que o detentor da chave era o padre da freguesia e que, j' de há muito, se negava a entregá-la... mas, elle, Presidente, mandou-lh'a-lá pedir. Esperaram, não araram a familia e, como esta trouxesse em seu seio um reconhecido republicano, a negativa foi formal não sem que se babujasse ódio e se invectivasse, e se insultasse. Amigo Presidente não quiz saber de desgraças e... abriu a porta com um arame ao reconhecer o propósito do padraça.

Fizeram a romaria. Dias passados, o Presidente da Junta era demittido pela Autoridade Administrativa, e bem assim excomungado pelo Arcebispo (conjuntamente com o tal republicano), e a capela foi posta interdita. Ora, informam-nos aqui do lado que o presidente da actual da junta é irmão do padre! E' monárquico como todos os seus compaheiros. Dizem-nos mais que as outras 5 Juntas também só compostas por monárquicos confessos...

Sendo assim, como explica a *Autoridade republicana* o seu próprio assentimento para semelhantes nomeações!?

Inconsciencia ou propósito?! Fale! Fale alto para que possamos avallar e para que nos preparemos contra a Traição que S. Ex.^a consente desenharse nas suas próprias barbas! Aqui fica o aviso.

Assinai

L. C.

«A RAZÃO»

OFICINA DE SERRALHARIA

(ANTIGA SERRALHARIA DE LUÍS DE PINA)

P. & MAIA, LIMITADA

Rua de Paio Galvão -- GUIMARÃES

Executam-se todos os trabalhos de serralharia e de torno e concertam-se todas as peças para automoveis

= GRAND-CHIC =

DE

FRANCISCO LEITE MENDES

Artigos de Modas, Fazendas Brancas e Miudezas

43, Rua da Republica, 47--GUIMARÃES

Esta casa vende todos os artigos com grandes abatimentos

A. J. Ferreira da Cunha

Praça D. Afonso Henriques (Toural)

Vendas por junto e a Retalho
GUIMARÃES

Fábrica de Tecidos da Madrôa

Fabrício de Colchas e Tinturaria a Vapor

Freitas, Pereira & C.^a, L.^{da}

Fábrica — Rua da Liberdade
Escritório e Depósito — P. D. Afonso Henriques
GUIMARÃES

Gonçalves & Castro, L.^{da}

Especialidade de Atoalhados e Linhos

Largo Prior do Cráto, 6, 7 e 8
GUIMARÃES

FARMÁCIA NORMAL DE GUIMARÃES

DE
Manuel Jesus de Souza

Praça D. Afonso Henriques

GUIMARÃES

Como se evita um incêndio?

GRITANDO FOGO!!!?

... Exclamação de terror que abala os ma's corajosos e nada evita.

ABRINDO UMA JANELA!!!?

implorando auxilio e aguardando cheios de aflição e terror que no-lo tragam?

... Minutos que parecem séculos durante os quais nos sufoca o mais artoz sofrimento.

FUGINDO LOUCOS DE PAVOR!!!?

deixando que o fogo destrua os nossos haveres, a nossa casinha e nos roube, por vezes, os filhos e outros entos queridos?

... Desesperada resolução que nos mata de anciedade e de dôr...

NÃO...

Um incêndio evita-se com extrema facilidade, extinguindo-o rapidamente, apenas ele se declara. E para isso, **TENHAM EM CASA**

BONS EXTINTORES DE INCÊNDIO

como o **FYROUT** em cobre polido e de Esc.: 400\$00;

o mesmo em aço esmaltado e de Esc. 350\$00 ou ainda **FOAMERA** de Esc. 350\$00

e para automoveis o

VALORCTC

de Esc.: 230\$00

Representante único em Portugal:

NUNO SALGUEIRO — PORTO

Representante único em Guimarães:

BENJAMIM DE VASBONGELOS — R. da Liberdade

Antiga Merceria da Porta da Vila

Pereira & Silva, Lim.^{da}

Especialidade em chá e café

24, R. da Republica, 28—GUIMARÃES

Francisco Joaquim de Freitas & Genro

Depósito de Tabacos e Fósforos, Papellaria, Miudezas e correspondentes de várias casas bancárias.

GUIMARÃES

FERNANDES GUIMARÃES & IRMÃO, Suc.

Rua da Republica — GUIMARÃES

Depósito da Polvora do Estado

Vidrarla, cristais e louças. Tintas, óleos, vernizes e cimento. Artigos para ençadores. Grande sortido em serviços de louça, para msa, chá, café e lavatório.

Preços sem competência

Fábrica de Tecidos de Santa Luzia

Custódio Vila Nova & C.^a

Fabrício de Colchas e Atoalhados

Rua de Paio Galvão — GUIMARÃES

HOTEL CENTRAL
(VULGO DA FELISMINA)

THEODORO DA SILVA E CASTRO

Fabrício especial de Pão de Ló e Dóces Finos

:: Pão de Milho de Superior Qualidade ::

PRAÇA DA REPUBLICA -- FAFE

"A RAZÃO"

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Ex.^{mo} Snr.